

## Mais integrados

Uma tendência que ganha destaque com a evolução tecnológica no setor elétrico é a criação de modelos de geração e distribuição que cruzam fronteiras nacionais e integram regiões. Jorge Vasconcelos, presidente da New Energy Solutions (Newes), lembra que na Europa esse processo teve início há 20 anos. Primeiramente, com a liberalização dos mercados atacadistas nacionais, e logo com a harmonização das regras técnicas através de códigos de rede. Hoje, as ofertas feitas de forma descentralizada pelas companhias em cada país têm sua capacidade de abastecimento checada e garantida graças a um algoritmo que centraliza as operações. “Dessa maneira, uma oferta feita no mercado português estará integrada de Portugal a Finlândia, com a alocação da capacidade de interconexão entre os vários sistemas feita automaticamente. Não há intervenção bilateral, mas uma otimização global”, explica Vasconcelos.

Uma das companhias mais entusiasmadas desse sistema é a chinesa State Grid. Cai Hongxian, CEO e presidente da State Grid Brazil Holding, afirma que a empresa projeta um processo de interconexão global no horizonte de 2050, formado por três fases. A primeira, de 2012 a 2020, trata da expansão de fontes limpas de energia e de interconexão dentro da própria China. Nesse quesito, o país já alcançou uma capacidade de geração hidrelétrica de 320 mil MW,

uma rede conectada de energia eólica de 130 mil MW – próxima da capacidade hidrelétrica brasileira, e que até 2020 deverá chegar a 400 MW –, uma fotovoltaica de 42 mil MW, devendo chegar a 60 mil MW, e um projeto de linhas de ultra voltagem em operação e construção que soma 22 mil km. Na segunda fase, até 2030, o plano é promover a interconexão continental, concluindo em 2050, com o desenvolvimento de bases de geração eólica no Ártico e de energia solar na região equatorial. “O Brasil e a América do Sul possuem riqueza de recursos e grande potencial, e deverão ter um papel importante no desenvolvimento dessa interconexão global”, afirma o executivo da State Grid.

No caso brasileiro, esse movimento ainda é tímido. Tiago de Barros Correia, diretor da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), ressalta que o potencial comercial das interligações do país com Argentina e Uruguai até hoje não foi devidamente explorado. “Foram raríssimas vezes que essa conexão foi usada como negócio, e para que isso aconteça é preciso uma revisão do modelo de formação de preço que harmonize os mercados, afirma. Luis Eduardo Barata, diretor-geral do Operador Nacional do Sistema (ONS), declarou que o atual contexto de sobreoferta de energia no Brasil e escassez na Argentina estimulou o início de negociações entre os dois países



para o fornecimento de energia com contrato firme. “Há um tempo tentávamos desenvolver regimes de comercialização com a Argentina, mas agora teremos condições de discutir esse financiamento em bases mercantis”, afirma.

Luiz Augusto Barroso, presidente da EPE, destaca a importância desse tipo de arranjo em regiões como a América Central. “Uma térmica em El Salvador tem capacidade de geração de 500 MW, mas a demanda de ponta do país é de 160 MW. Esse tipo de comercialização é fundamental para aproveitar a sobra de capacidade e garantir um melhor aproveitamento desses recursos”, exemplifica. (S.M.)